



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

RECONSTRUÇÃO MOSAICA DA IDENTIDADE MOÇAMBICANA, ESPELHANDO UM DIÁLOGO PROFÍCUO ENTRE OS *REALIA* E OS *MIRABILIA*

Flavio García

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM

flavgarc@gmail.com

O escritor moçambicano Mia Couto surpreende a crítica, fora seu espaço ficcional já consagrado, enveredando pela discussão de variadas questões da identidade nacional Africana e problematizando sobre a condição do escritor luso-africano – ou africano, de maneira geral – e de sua produção frente a de autores e obras de outras nações, outros continentes, outras culturas. Trata-se de “textos de opinião”, escritos dispersamente pelo autor e reunidos em *Pensatempos – textos de opinião* (COUTO, 2005) e *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções* (COUTO, 2009).

Entre suas reflexões acerca da identidade nacional moçambicana, Mia Couto discute a pervivência de traços da memória ancestral telúrica e seu resgate através da ficção, bem como aborda diferentes fenômenos e aspectos linguísticos, trazendo à baila as tensões entre a língua portuguesa – língua do colonizador –, em que produz sua obra, e as muitas línguas locais, e entre a oralidade própria das tribos da terra, representadas no falar das personagens ou na inserção de ditos supostamente populares – porque muitos são criação do próprio ficcionista –, e a transposição desse falar para a língua literária, notadamente em sua escrita. Conforme Ana Mafalda Leite observou:

Mia Couto, poeta, contador de histórias, retoma a herança linguístico-literária dos mais velhos, dos diversos falares da rua, urbanos, suburbanos, do campo, e acrescenta-lhes as suas “imaginâncias” pessoais, a “imaginática” “escutante” de uma “escrevência” “inocorrente” e “lumbrativa”. (LEITE, 1999, p. 8)

A literatura produzida por Mia Couto faz emergir, no plano da ficcionalidade, esse debate acalorado, bem recebido por uns, rechaçado por outros, mas que não se deixa passar despercebido por ninguém. Conforme destaca Maria Fernanda Afonso:



Reproduzindo a diversidade de uma nação pluriétnica e pluricultural, a escrita narrativa de Mia Couto converte o discurso opressor da mestiçagem, dissimulando no passado sob uma atitude paternalista, invocando a unidade da Pátria apesar da diversidade racial, na criação de um espaço literário, marcado pela interpenetração de sistemas culturais e linguísticos. (AFONSO, 207, p. 548)

Partindo da premissa de que, em seus textos de opinião, o emissor do discurso seja explícita e assumidamente o próprio Mia Couto, ao falar do povo moçambicano, dissimulando um diálogo com o destinatário textual – o que pode ser entendido como uma auto-reflexão, espécie de pensamento “em voz alta” –, ele arrisca como pergunta, logo de início: “o que somos”, e propõe, imediata e seguidamente, por resposta: “[somos] um espelho à procura da sua imagem” (COUTO, 2005, p. 14). Assim, Mia Couto, escritor luso-africano, moçambicano declarado, torna pública suas inquietantes reflexões acerca das tentativas de fabricação da identidade nacional moçambicana – e, mesmo, africana, por extensão –, recorrendo a traços dispersos da memória autóctone.

Maria Fernanda Afonso lembra que “a literatura aparece como o lugar privilegiado para a expressão de um contra-discurso que procura subverter o discurso dominante do centro hegemônico” (AFONSO, 207, p. 546), e é exatamente isso que Mia Couto faz em sua obra ficcional. A literatura miacoutiana é produto pós-colonial, e “o pós-colonialismo, recuperando a voz dos subalternos (Spivak, 1985), procura analisar a reconstrução de uma identidade própria, incentivando o homem que foi sujeito à repressão de um regime colonial a expressar sua alteridade” (AFONSO, 207, p. 546).

Ao tratar, de maneira mais geral, da ficção pós-colonial, Maria Fernanda Afonso se refere à essa fabricação da identidade nacional através da recolha de traços identitários dispersos, vendo nisso a manifestação da hibridez própria ao continente africano, entendida por ela como sendo uma “característica fundamental da estética pós-colonial”, que expressaria, exatamente, a alteridade da condição africana no mundo contemporâneo. Conforme a estudiosa:

A hibridez surge como a característica fundamental da estética pós-colonial, originando interações entre sistemas linguísticos, religiões bíblicas e crenças animistas, imaginários e cosmogonias que impregnam o racionalismo ocidental do poder sobrenatural dos espíritos. (AFONSO, 207, p. 549)

Mia Couto, em seus “textos de opinião”, avançando em sua análise crítica acerca da identidade nacional, diz:



Se o passado nos chega deformado, o presente deságua em nossas vidas de forma incompleta. Alguns vivem isso como um drama. E partem em corrida nervosa à procura daquilo que chamam a nossa identidade. Grande parte das vezes essa identidade é uma casa mobilada por nós, mas a mobília e a própria casa foram construídas por outros. Outros acreditam que a afirmação da sua identidade nasce da negação da identidade dos outros. O certo é que a afirmação do que somos está baseada em inúmeros equívocos. (COUTO, 2005, p. 14)

Maria Fernanda Afonso, desprovida do caráter dual – ficcionista e crítico – incorporado por Mia Couto, busca, também, identificar as origens do equívoco apontado pelo ficcionista, concluindo que “a realidade pós-colonial é complexa, sobretudo num país como Moçambique, onde os escritores formam um caleidoscópio racial” (AFONSO, 2007, p. 547). O próprio Mia Couto, por exemplo, teria assumido tal condição: “sou um escritor africano, branco e de língua portuguesa”. (*apud* CAVACAS, 1999, p. 5).

Avaliando as atitudes pretensamente nacionalistas de certa parcela da intelectualidade e de setores da política local, Mia Couto assume, sem medo ou disfarce, as críticas que tem quanto à configuração do presente, em busca da “identidade perdida”, feita a partir do recurso a imagens deformadas do passado – pouco ou nada, de fato, conhecido. Nos resultados dessa busca, amalgamam-se, indistintamente, o *eu* e o *outro*, e Mia Couto vê esse procedimento como um traço comum a todo o continente africano, para além de Moçambique e, mesmo, das demais nações luso-africanas, ex-colônias portuguesas.

Conforme denuncia o escritor moçambicano, “o nosso continente [africano] é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagens. Longas e irreversíveis misturas de culturas moldaram um mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimônios do nosso continente” (COUTO, 2005, p. 19). Portanto, segundo sua visão, nada nostálgica ou idealista, consoante aquelas parcelas da intelectualidade ou aqueles setores da política local que, pouco a pouco, ele critica, o “continente [africano] é o resultado de diversidades e mestiçagens” (COUTO, 2005, p. 60).

Adiante, seguindo o percurso auto-crítico já antes iniciado, na mesma dissimulação de diálogo com seu interlocutor ou em exercício de “pensar em voz alta”,



Mia Couto torna a perguntar: “que África escreve o escritor africano?” (COUTO, 2005, p. 53), e, igualmente, ele mesmo, tenta responder:

O escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. Deve estar disponível para se negar a si mesmo. Porque só assim ele viaja entre identidades. E é isso que um escritor é – um viajante de identidades, um contrabandista de almas. Não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criação de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade.

O nosso papel [como escritor] é o de criarmos os pressupostos de um pensamento mais nosso, para que a avaliação do nosso lugar e do nosso tempo deixe de ser feita a partir de categorias criadas pelos outros. (...) Essa “africanidade” erguida como uma identidade tem sido objeto de sucessivas mistificações. (COUTO, p. 59-60)

Desse modo, Mia Couto acaba por denunciar, em uma atitude corajosa e desafiadora, que a “visão restrita e restritiva do que é genuíno é, possivelmente, uma das principais causas para explicar a desconfiança com que é olhada a literatura produzida em África” (COUTO, 2005, p. 60). Daí se depreende, sem qualquer sombra de dúvida, que ele tem absoluta certeza de que “esquecer a Europa não pode ser eliminar os conflitos interiores que moldaram as nossas próprias identidades [africanas]. A Europa estava dentro do poeta africano e não podia ser esquecida por imposição” (COUTO, 2005, p. 61). Em suas palavras,

de pouco vale uma atitude fetichista virada para os costumes, o folclore e as tradições. A dominação colonial inventou grande parte do passado e da tradição africana. Alguns intelectuais africanos, ironicamente, para negarem a Europa, acabaram abraçando conceitos coloniais europeus. (COUTO, 2005, p. 62)

Mais à frente, sem abandonar aquele jogo dialógico com que deu início às suas reflexões lá no início, Mia Couto coloca uma outra pergunta: “quanto este autor é ‘autenticamente africano’?” (COUTO, 2005, p. 62). E, simetricamente, mantendo-se fiel ao projeto de revisão crítica de valores identitários nacionais empreendido, ele próprio procura responder a esta outra pergunta: “Ninguém sabe exatamente o que é ser ‘autenticamente africano’” (COUTO, 2005, p. 62). Mas ele percebe, contudo, que sua resposta pode não bastar e que ainda pode permanecer algo de obscuro quanto à posição que assume, portanto, assim, adverte:



os escritores moçambicanos cumprem hoje um compromisso de ordem étnica: pensar este Moçambique e sonhar um outro Moçambique. Correm o risco, como todos os criadores de todos os outros países, de serem devorados por essa mesma pátria que eles ajudaram a libertar. (COUTO, 2005, p. 63)

Mia Couto se sente aprisionado entre sua consciência crítica, que não quer calar, mas que o coloca em um entre-lugar perigoso, e a liberdade do pensamento, da expressão artística, de sua prática intelectual, como repórter que fora e escritor que é. O escritor vê-se, dessa maneira, entre pilares, a ser emprensado e dividido. Mas, sem titubear, assevera prontamente: “a mobilidade da nossa identidade [moçambicana]” (COUTO, 2005, p. 85) é uma característica comum a todos os povos do continente.

Conforme ele mesmo constata,

não foi apenas o país que sofreu mudanças. Nós [, moçambicanos,] mudamos. A nossa própria ideia sobre quem somos foi sendo alterada. Nas décadas de 70 e 80 [do século passado] a nossa identidade era simples e homogênea: éramos moçambicanos. E ponto final. Não era pensável, nesse momento, concebermo-nos como macuas, macondes, pretos, mulatos, brancos.

De um modo geral, para todos nós, a primeira coisa da nossa identidade é ainda o sermos moçambicanos, Hoje em dia, porém, outras formas de pertença estão-se esboçando. Para muitos de nós estão nascendo outras primeiras identidades. Pode ser uma identidade racial, tribal, religiosa. Esse sentimento de pertença pode colidir com isso que chamamos de “moçambicanidade”. (COUTO, 2005, p. 87)

Assim, como ele verifica, é um “erro (...) quando queremos negar que somos diversas coisas ao mesmo tempo” (COUTO, 2005, p. 87-88), e, quando se o faz, assume ele, é por “medos e preconceitos” (COUTO, 2005, p. 92), pois “Moçambique é uma nação de muitas nações. É uma nação supranacional. E isso deve conviver perfeitamente dentro do espaço moçambicano” (COUTO, 2005, p. 93).

As afirmações de Mia Couto soam estridentemente na contra maré das tendências românticas perviventes no mundo ocidental, pois sobrelevam a assunção de uma identidade múltipla, plural, híbrida, mestiça, e não única, singular, coesa, pura conforme defenderam os ideais advindos do Oitocentos. Sua escrita põe em cheque valores lançados aos quatro cantos, soprados terra à dentro e mar à fora. Desnudam a roupagem fantasiosa de um ser que se queria afirmar pelo que não se sabe se é, pelo que se lhe imputaram, creditando valia a valores apenas pretensamente tradicionais, que



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dariam identidade a um povo, unidade a uma nação, valores que não se sabem “verdadeiros”, enquanto originários, ou “falsos”, em sendo fabricados.

Tornando a refletir sobre a função do escritor africano, Mia Couto, ele mesmo, escritor que é, denuncia: “Necessitava-se de uma literatura que ajudasse a descoberta e a revelação da terra” (COUTO, 2005, p. 104), e assim se fez. Nos idos de 1980 “nascia em Moçambique uma corrente de intelectuais ocupados em procurar a moçambicanidade. Já era, então, clara a necessidade de ruptura com Portugal e os modelos europeus” (COUTO, 2005, p. 104).

Essa necessidade de ruptura com Portugal, a metrópole europeia responsável pela colonização e subjugo violento e forçado, fez com que os artistas moçambicanos e, naquela altura, luso-africanos em geral, voltassem o olhar para o Brasil, também ex-colônia portuguesa “liberta” desde um século antes. Extensivamente, também, que voltassem o olhar para a América Latina em geral, para o vasto matiz de ex-colônias ibéricas, considerando-se a enormidade de nações hispano-americanas, além do Brasil.

Mia Couto argumenta que

o ser de um continente que ainda escuta (África está disponível para conversar até com os mortos) (...) trouxe um estar mais atento a essas outras coisas que parecem estar para além da ciência. Não temos que acreditar nessas ‘outras coisas’. Temos apenas que estar disponíveis. (COUTO, 2005, p. 123)

Assim, conforme verificou Maria Fernanda Afonso:

a intervenção de forças mágicas que contrariam os humanos, o realismo mágico invade o espaço textual, facilitando o entendimento entre os mortos e os vivos, o visível e o invisível, o concreto e o transcendente, tornando-se um instrumento particularmente apto em denunciar a fragilidade das comunidades arcaicas expostas aos males que afligem as sociedades pós-coloniais. (AFONSO, 2007, p. 552)

Dessa maneira, como observou Jane Fraga Tutikian, Mia Couto “empreende a busca da própria identidade nacional, com seus espaços míticos, mas sem perder de vista o caráter universal da sua criação” (TUTIKIAN, 2006, p. 59), logo, em sua obra,

o presente retoma a consciência mítica, buscando recuperar certos valores autóctones de raízes específicas, capazes de clarificar a consciência ou identidade nacional. Aí, mito e realidade formam um todo coerente e denunciador, opondo-se ao discurso do poder. (TUTIKIAN, 2006, p. 59)



Seguindo esse norte, têm-se, nas narrativas miacoutianas, a convivência no plano ficcional, dos *mirabilia* e dos *realia*, com o que,

o autor amplia a própria concepção de realismo ao entender que a realidade – na arte – abrange todas as interações em que o homem pode ser envolvido, o que (...) permite ler que, numa cultura mítica, a capacidade de experimentar e compreender expressa uma outra realidade, mas ainda realidade. (TUTIKIAN, 2006, p. 69)

Essa viragem na produção ficcional moçambicana – ou luso-africana, de maneira mais ampla –, assumida por Mia Couto e estudada por Maria Fernanda Afonso e Jane Fraga Tutikian, apontando para a busca de valores da terra, permite aproximar a literatura daquele continente a do cenário ameríndio, onde os latino-americanos – cubanos, argentinos, venezuelanos, colombianos, brasileiros –, no correr do Século XX, enveredaram pelo experimento da ficção real-maravilhosa.

Conforme perceberam Maria Nazarteh Soares Fonseca e Maria Zilda Ferreira Curry, “uma das estratégias para a apreensão dos diferentes processos de negociação, de misturas, de hibridismos presentes nos romances de Mia Couto pode ser teoricamente iluminada pelas referências ao chamado realismo mágico, ao real maravilhoso” (FONSECA; CURY, 2008, p. 121).

A literatura luso-africana, ou, pelo menos, a moçambicana, invadia, desse modo, o mundo maravilhoso, mágico, fantástico, animista, dos mitos, das lendas, do folclore, das crenças locais. Atualizava-se, em África, uma vertente do realismo maravilhoso latino-americano, aquele fazer literário com que encontraram eco, na crítica internacional, escritores como Carpentier, Borges, Cortázar, Rulfo, Casares, García-Márquez, Rosa, Rubião. Aclimatavam-se, àquele continente, as experiências ficcionais que, na América Latina, tinham ensejado a reverberação de sua literatura, o que os permitiu reclamar um lugar no cânone literário ocidental.

Maria Fernanda Afonso reconhece que:

O realismo mágico parece encontrar em África uma força particular pelo facto de se ancorar num continente em que o mito faz parte da existência quotidiana; aqui ele revela uma relação necessária de contigüidade ou de correspondência entre o real e imaginário.

E certo que o realismo mágico participa do pensamento mítico enraizado em tradições ancestrais. No entanto, esta reabilitação das crenças primitivas não implica uma fuga à realidade. Pelo contrário, é nos continentes do Sul um



instrumento particularmente apto a criticar os abusos, respeitantes tanto ao domínio colonial como à sociedade pós-colonial. (AFONSO, 2004, p. 365)

Desse modo, na nova literatura que se produzia em Moçambique, conforme destaca Petar Petrov:

Se os temas relacionados com a conjuntura social são relativamente transparentes, há um outro universo temático que desafia os horizontes do leitor, funcionando como elemento perturbador do ponto de vista hermenêutico. As ambiguidades, neste âmbito, têm a ver com o *imaginário ancestral*, através da reivindicação de práticas e crenças animistas, dimensões mítico-mágicas, intervenção do sobrenatural e do fantástico, a provocar a emoção e estranheza no receptor educado em moldes ocidentais. (PETROV, 2007, p. 676)

Portanto, se, como nas palavras do próprio Mia Couto, “a poesia é um modo de ler o mundo e escrever nele um outro mundo” (COUTO, 2009, p. 101), a realidade circundante, prenhe de crenças míticas e místicas, passava, então, a ser lida sob a lupa da maravilha, e, a partir dela, escrevia-se um outro real, encharcado de maravilhoso, mágico, fantástico, em que *realia* e *mirabilia* conviviam harmoniosamente.

Logo, Petar Petrov identifica que, nessa vertente da ficção moçambicana,

a intromissão do imaginário ancestral referido (...) consubstancia um *realismo animista*, onde a procura de um ajustamento simbólico se reveste de paradoxos aparentemente inconciliáveis. A dimensão fantástica, presente nos textos, emigrada das cosmogonias africanas, é um dos factores decisivos no confronto do mundo tradicional com o mundo moderno. (PETROV, 2007, p. 678-679)

Enfim, a literatura miacoutinana estaria buscando refletir esse confronto harmonioso, porém nada pacífico, entre elementos da realidade e do maravilhoso telúrico, para e no olhar do *outro*, do estrangeiro, do de fora, espelhando o choque de culturas distintas, em muito adversas.

Observando esse traço da ficção luso-africana contemporânea, Maria Fernanda Afonso identifica que:

As práticas discursivas que reproduzem uma hermenêutica da hibridez na narrativa moçambicana dispõem-se segundo dois eixos: o exógeno e o endógeno. No que diz respeito ao primeiro, há uma reapropriação dinâmica de estratégias ocidentais que ganham novos sentidos no texto africano. (AFONSO, 2007, p. 549)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

E esses novos sentidos, apropriados pelos escritores de África, causam estranheza ao *outro*, porque “a invocação de tradições, ritos e práticas mágicas (...) contrariam o racionalismo ocidental” (AFONSO, 207, p. 551), baseado no pretense senso comum da cultura branca euro-cêntrica. Sobre esse aspecto, Jane Fraga Tutikian identifica que “na obra de Mia Couto, (...) a representação mítica gera a afirmação de uma identidade cultural que transgride uma identidade racional, a europeia, imposta pelo colonialismo” (TUTIKIAN, 2006, p. 60).

Mia Couto afirma que “o chamado mundo real é aquele que se apresenta como um verdadeiro não-lugar, um lugar vazio onde cabemos apenas como ilusão visual” (2009, p. 102). Logo, estando o escritor moçambicano com razão, a nova literatura moçambicana passava a incorporar essa ilusão visual e a fazer do utópico – o não-lugar – seu lugar de ancoragem, trazendo à baila, pelas sendas da ficção, traços dispersos do ser nacional, se não originário, pelo menos fabricado. “Trata-se [, como ele Mia Couto admite,] de deixar-se invadir e dissolver pelo universo das falas, das lendas, dos provérbios” (COUTO, 2009, p. 114). A literatura contemporânea está abrindo suas portas para a reinvenção de Moçambique, e, “ao enraizar-se no seu espaço de enunciação, revelando as tradições autoctones, os valores, os ritos, os usos linguísticos específicos, a escrita de Mia Couto participa na criação de um campo literário pós-colonial marcado pela hibridez” (AFONSO, 207, p. 553).

Para Mia Couto, “a transgressão poética é o único modo de escaparmos à ditadura da realidade. Sabendo que a realidade é uma espécie de recinto prisional fechado com a chave da razão e a porta do bom-senso” (COUTO, 2009, p. 117). A nova postura estética parecia ser inevitavelmente necessária, pois, como ele mesmo salienta,

vivíamos em Moçambique e em Angola a aplicação esforçada do modelo estético e literário do realismo socialista. Nós mesmos fomos autores militantes, a nossa alma tomou partido e tudo isso nos parecia historicamente necessário. Mas nós entendíamos que havia uma outra lógica que nos escapava e que a literatura tinha razões que escapavam à razão política. (COUTO, 2009, p. 120)

Para o escritor, nesse novo momento da história de Moçambique – e, obviamente, da África lusófona em geral –, parecia ser natural que “a existência de episódios marcados por certa opacidade, devido à intersecção de elementos do real e do onírico, dos feitiços



e do sobrenatural” (PETROV, 2007, p. 673) fosse traço marcadamente manifesto da literatura que então se produzia.

Aflorava a consciência do papel do artista para além de seu compromisso político ideológico, de sua vinculação com correntes partidárias. Dessa maneira, segundo admite Mia Couto, “o autor insurge-se contra a hegemonia da lógica racionalista como modo único e exclusivo de nos apropriarmos do real. A realidade é tão múltipla e dinâmica que pede o concurso de inúmeras visões” (COUTO, 2009, p. 122).

Insurgidos, refratários à estética real-naturalista que grassava desde o período colonial e que fora tomada de empréstimo durante a fase de afirmação nacional frente ao branco invasor, utilizada como veículo de denúncia política e social, davam-se, agora, vez e voz às tradições ancestrais – mesmo que imaginadas, ficcionalizadas –, resgatava-se a oralidade – ainda que presumida, forjada –, refaziam-se laços com deuses – múltiplos e variados, conforme a diversidade étnica-racial da terra. Emergiam mitos, lendas e crenças. Mia Couto confessa: “Eu cresci nesse ambiente de mestiçagem, escutando os velhos contadores de histórias. Eles me traziam o encantamento de um momento sagrado” (COUTO, 2009, p. 123).

Aliás, como destacam Maria Nazareth Soares Fonseca e Maria Zilda Ferreira Cury:

Mia Couto (...) diz (...) que sua matéria ficcional seria da ordem do artifício, confessando-se um “irresponsável criador de” histórias que, ao servir-se do substrato dos mitos, das lendas, enfim, das tradições, não teria um ancestral africano morto a quem se reportar, uma vez seus antepassados sendo portugueses. (FONSECA; CURY, 2008, p. 16-17)

Enfim, respondendo à indagação de Mia Couto, se “o facto de vivermos em cidades, no meio de computadores e da internet de banda larga, será que tudo isso nos isenta de termos um pé na explicação mágica do mundo?” (COUTO, 2009, p. 90), pode-se encontrar como resposta a explicação mágica que aproxima sua literatura do realismo maravilhoso latino-americano, adaptado ao animismo de África. Assim, a ficção de Mia Couto questiona a identidade pela via do mítico, do lendário, do deífico, que, manifestos, permitem representar a imagem – originária ou fabricada – do que seja o ser moçambicano, híbrido, mosaico, mestiço.

Maria Nazareth Soares Fonseca e Maria Zilda Ferreira Cury apontam que:



Se há uma aposta constante nos discursos simbólicos, míticos, carregados da exemplaridade própria da tradição, tais discursos, pela contaminação que apresentam, pela tematização do desmanche e da ruptura entre tempos e espaços da nação, não se erigem mais como redutores ou fundadores no sentido estrito do termo.

É este, então, um dos papéis da atual literatura pós-colonial. (FONSECA; CURY, 2008, p. 104)

Pode-se, conclusivamente, afirmar, como o fez Maria Fernanda Afonso, que “o realismo mágico pode ser concebido na escrita de Mia Couto como uma tensão subtil, mas constante, entre o abandono ao mundo, tal como ele se encontra em face do escritor, e uma clara vontade construtiva na sua relação com ele” (AFONSO, 2004, p. 367).

Se se aceitam as premissas aqui apresentadas, torna-se lícito propor que a literatura miacoutiana represente uma busca de reconstrução mosaica da identidade moçambicana, o que faz espelhando, no plano ficcional, um diálogo profícuo entre os *realia* e os *mirabilia* de que se constrói a realidade local, vivamente insólita para o olhar de fora, vivazmente sólita para a vivência cotidiana dos naturais da terra.

Referências Bibliográficas:

AFONSO, Maria Fernanda. *O conto moçambicano – escritas pós-coloniais*. Lisboa: Caminho, 2004.

_____. “A problemática pós-colonial em Mia Couto: mestiçagem, secretismo, hibridez, ou a reinvenção das formas narrativas”. In: NÓBREGA, José Manuel da; MOTA, Nano Pádua de (editores). *Estudos de Literaturas Africanas - Cinco povos, cinco nações*. Atas do Congresso Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Coimbra: Novo Imbondeiro, 2007. p. 546-553.

CAVACAS, Fernanda. *Mia Couto: brinciação vocabular*. Lisboa: Mar Além/ Instituto Camões, 1999.

COUTO, Mia. *Pensatempos – textos de opinião*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 2005.

_____. *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. Lisboa: Caminho, 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LEITE, Ana Mafalda. “Prefácio”. In: CAVACAS, Fernanda. *Mia Couto: brinciação vocabular*. Lisboa: Mar Além/ Instituto Camões, 1999. p. 7-8.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

PETROV, Petar. “O universo romanesco de Mia Couto”. In: NÓBREGA, José Manuel da; MOTA, Nano Pádua de (editores). *Estudos de Literaturas Africanas - Cinco povos, cinco nações*. Atas do Congresso Internacional de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Coimbra: Novo Imbondeiro, 2007. p. 672-681.

TUTIKIAN, Jane Fraga. “Mia Couto: uma criação universal para uma identidade nacional”. In: *Velhas identidades novas – O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006. p. 57-88.